

CARMEN GARCIA

A ÚLTIMA SOLIDÃO

HISTÓRIAS DE AMOR E MÁGOA
DOS VELHOS EM PORTUGAL



Título: *A Última Solidão - Histórias de amor e mágoa dos velhos em Portugal*
Autor: Carmen Garcia

© Carmen Garcia e Avenida da Liberdade Editores, Lda.
Copyright © Carmen Garcia, 2022

1ª edição: Outubro de 2022
Depósito Legal n.º 505 753/22
ISBN: 978-989-53838-0-1

Avenida da Liberdade Editores, Lda.
Rua de Santa Justa, 88 - 3º Esq.
1100-486 Lisboa
avenidadaliberdadeeditores@gmail.com

Revisão: Avenida da Liberdade Editores
Paginação: Segundo Capítulo
Capa: Silvadesigners
Fotografia da autora: © Bruno Cardoso

Impressão e acabamento:
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.
Loures

Por vontade expressa da autora, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

ÍNDICE

PREFÁCIO – OS VELHOS DE CARMEN GARCIA	9
INTRODUÇÃO	17
MARGARIDA	29
CUSTÓDIO	44
MARIA DO ROSÁRIO	59
ANTÓNIA E JOÃO	73
ROSA	89
ILDO	105
MARTINHO	118
EMÍLIA	134
JOSÉ JOAQUIM (ZEZINHO)	151
OLÍMPIA	166
RUI E VITÓRIA	180
CHICO	196

CUSTÓDIO

Na minha cidade, quando era ainda menina, existiam três homens que me ensinaram a temer. Eram os «malucos da terra», numa época em que ainda pouco se falava sobre saúde mental e o preconceito tinha muito mais espaço do que a empatia.

Lembro-me particularmente bem de um dia em que vinha a descer a rua da Farmácia Nova e um deles passou por mim, com uma bicicleta velha numa mão e um porco à trela na outra. Eu vinha sozinha porque, tal como no anúncio televisivo muito em voga há uns anos, ainda sou do tempo em que as crianças andavam na rua sem adultos, depois de fazerem duas ou três vezes os caminhos rotineiros com supervisão parental. E quando o vi, só eu e Deus sabemos a forma como o meu coração disparou.

CUSTÓDIO

E por isso corri. Cheia de medo, com o coração a querer saltar-me pela boca e os pés a tocarem o chão ao mesmo ritmo frenético a que a minha jugular pulsava. Ao longe, ouvia a voz arrastada dele que me dizia: «Vais a fugir porquê? Eu nunca fiz mal a ninguém.»

Quando cheguei a casa, cansada e assustada, chorei baba e ranho. Que medo tinha do Brotas que, percebi muito mais tarde, mal conseguia dar três passos seguidos sem que a embriaguez lhe roubasse o equilíbrio e que vivia numa casa em ruínas na pior das misérias humanas.

O Brotas, que passeava um porco à trela e dormia com ele, tinha no suíno o único amigo e o cheiro dos dois confundia-se. Dizia-se, nesse tempo, que o animal bebia com ele a meias e que ninguém sabia bem qual dos dois era o mais ébrio. Foi pena nunca ninguém ter tido a sobriedade de lhes estender uma mão. Mas eu era só uma menina de cabelo aos caracóis e dentes incisivos maiores do que o suposto.

Mas o Brotas não era o único dos meus terrores de infância, acreditem. Existia também o João,

a quem a minha mãe falava sempre com carinho e a quem me obrigava a dar os bons-dias porque, reprendia-me, «o João, coitadinho, nasceu assim desalinhado». E eu lá dizia um muito sumido «bom dia», enquanto tentava desaparecer atrás das pernas da minha mãe ou fundir-me com o chão. E quando ele esticava a mão para me apertar as bochechas, eu quase chorava, sempre à espera do dia em que ele fosse magoar-me, o que, é claro, nunca aconteceu.

O João, conhecido na então vila como «João Maluco», passava o dia a fazer pequenos recados aos comerciantes locais, que depois lhe pagavam com moedas de cinquenta ou de cem escudos. A peixeira era para quem ele mais trabalhava, entregando em casa dos clientes os sacos azuis com as douradas escaladas e os carapauzinhos já amanhados para fritar.

No dia em que soube que o João morrera, senti uma coisa meio esquisita. Porque eu já não era uma criança, apesar de não ser ainda adulta, e já percebia que, de alguma forma, deveria ter-lhe dado a mão. Mas nunca dei.